

PARQUE URBANO COMO UM AGENTE ARTICULADOR. O LUGAR URBANO COMO ESTRUTURADOR SOCIAL PARA HUMANIZAÇÃO DA CIDADE DE MEDINA

Guilherme Letizio Vieira¹

Ilara Rebeca Duran de Melo²

Débora Tameirão Lisboa³

Alípio Costa Ribeiro⁴

Saúde, Segurança e Meio Ambiental

RESUMO

A cidade mineira de Medina no Vale do Jequitinhonha sofre com o estigma de miséria, violência e exploração sexual. Essa condição é reafirmada pelos índices de vulnerabilidade social, principalmente, em crianças e adolescentes, e este fato se relaciona, direta ou indiretamente, com futuros desvios de conduta e marginalização desses indivíduos que, por sua vez, afeta a sensação mútua de segurança da população. Isso, somado ao fato da cidade se encontrar num estado precário no que tange às condições ambientais e carência de intervenções urbanísticas, acabando por prejudicar os conceitos de pertencimento e apropriação da cidade pelos próprios moradores. Esse trabalho objetiva-se em aprofundar nas discussões sobre o papel de intervenções ambientais, urbanísticas e sociais em uma comunidade que tem carência nesses aspectos. Utilizando metodologia de pesquisa qualitativa, embasando em revisão bibliográfica e análises de estudos de caso; coletando dados em pesquisas de campo e pelo método de observação não estruturada, além de visitas técnicas. Com base nos estudos, será elaborado um projeto que proponha a implantação de um parque urbano que faça parte de ações sociais que amenizem o estado de vulnerabilidade social e cumpra o papel de motivar intervenções urbanísticas, além de intervir nas condições ambientais da região, preservando a vegetação e cursos d'água do avanço desordenado da urbanização em áreas alagadiças. É possível propor soluções através de parques urbanos e suas contribuições, de métodos de recomposição ambiental e de intervenções urbanísticas, e o estudo de ações sociais que propõem reverter as condições de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Parque Urbano; Meio Ambiente; Vulnerabilidade Social; Vale do Jequitinhonha.

INTRODUÇÃO

A região do Vale do Jequitinhonha é conhecida há décadas pela miséria e criminalidade. Esse estigma recai sobre a cidade de Medina e é reforçado pelo histórico de casos registrados de violências contra crianças, de exploração sexual e prostituição de

¹Professor da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, Curso de Arquitetura e Urbanismo, guilherme.vieira@univale.br

²Professora e Coordenadora da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, Curso de Arquitetura e Urbanismo, ilararduran.arq@gmail.com

³Professora da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, Curso de Arquitetura e Urbanismo, debora.lisboa@univale.br

⁴Aluno da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, Curso de Arquitetura e Urbanismo, alipiocostaribeiroo@gmail.com

adolescentes. A repercussão desses fatos sempre atraiu programas de cunho social, cultural e educacional. Esses projetos, em sua maioria, não governamentais, encontram extrema dificuldade de se estabelecer na cidade por falta de estrutura adequada para acolhê-los por longo período – o que, na maioria das vezes, é extremamente necessário para obter os resultados.

A cidade cresce com uma urbanização lenta e sem planejamento eficiente. O avanço desordenado de moradias em áreas de risco como encostas, beiras de rios e áreas de mananciais tem caracterizado uma problemática visível, principalmente em épocas de chuva, quando moradores sofrem com perdas significativas causadas por enchentes, além do prejuízo causado ao próprio ecossistema local, com supressão de vegetação nativa e extinção da cobertura vegetal próxima aos rios e córregos, causando o assoreamento desses corpos d'água. Isso é fruto tanto da falta de normas regulamentadoras e zoneamentos de áreas de risco quanto da não conscientização da população a respeito da boa convivência e respeito com o meio ambiente.

Como resultado dessa evolução desordenada, encontram-se poucas opções de equipamentos urbanos⁵ disponíveis para a população. Sem locais públicos de interação social e cultural, sem atrativos turísticos e de lazer para a própria população, evidencia-se a necessidade de aproximação dos moradores com os atrativos naturais, como áreas verdes, rios, parques, etc. Este déficit de espaços de socialização afeta, também, outro aspecto importante dentro de uma comunidade: a sensação de segurança nas ruas, como observado por Jacobs (2000, p. 30), “o principal atributo de um distrito urbano próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas na rua em meio a tantos desconhecidos.”

A partir da análise desse contexto urbanístico, social e ambiental, objetiva-se com esse trabalho a elaboração de um parque urbano⁶ na cidade de Medina, que seja receptivo a projetos, principalmente, de cunho ambiental, social e cultural, abraçando assim conceitos como de “Parque Educador”⁷. Sem o status de escola, como instituição, mas buscando a posição de um projeto extensor das atividades escolares, focando em medidas estimuladoras do desenvolvimento pessoal, social e, ainda assim, se posicionando com um espaço de

⁵A NBR9284 de 1986 define como equipamentos urbanos “todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados.”

⁶Para KLIASS (1993, p. 19), “os parques urbanos são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinado à recreação”.

⁷ Entende-se aqui, que o conceito de “parque educador” abrange complexos de ações sociais educativos integrados a ambientes ao ar livre e áreas verdes, fundamentadas na correlação da aprendizagem e desenvolvimento infantil com sua interação cooperativa com a natureza.

promoção de educação ambiental, de forma a restaurar a conscientização a respeito do meio ambiente nessa comunidade.

METODOLOGIA

A produção deste trabalho, em suma, segue a metodologia de pesquisa qualitativa, buscando colher e compreender dados segundo a ótica do observador para investigação dos fenômenos sociais e ambientais. Após a apuração preliminar, iniciou-se a coleta de dados por meio de observação não estruturada em locais do cotidiano dos moradores, como espaços públicos e bairros onde são frequentes as ocorrências de alagamentos, buscando, por meio dessa observação, compreender as razões pelas quais essa situação ocorre.

Para alcance dos objetivos, a pesquisa englobou ainda visitas de campo em áreas verdes existentes no perímetro urbano, que colaborou para constatação do tipo de relação que essa comunidade tem com o meio ambiente que a cerca e quais as condições dessas áreas. Utilizou-se também de visitas técnicas guiadas a sedes de organizações sociais atuante na cidade, além de visita técnica ao Instituto Inhotim e seu centro educacional no interior do parque.

O resultado deste trabalho é fruto também do levantamento histórico, socioeconômico e cultural sobre a ocupação e evolução da região do Vale do Jequitinhonha e da cidade de Medina. Além do estudo da bibliografia sobre as temáticas referentes a pesquisa, que contém autores como Janes Jacobs, Fernando Chacel, Rosa Kliass e Kevin Lynch – esse último, resultou na confecção de mapas esquemáticos partindo de métodos de análises visuais do ambiente urbano, a bibliografia conta também com estudos de métodos sociais tanto de organizações não-governamentais como a Project for PublicSpaces quanto de organizações sociais como ChildFund Brasil e suas respectivas contribuições para a arquitetura, urbanismo, paisagismo e ações sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das análises e discussões propostas neste trabalho podemos aprimorar nossa visão a respeito das condições sociais, urbanas e ambientais em que a cidade de Medina está inserida.

Os aspectos de miséria e vulnerabilidade social são enraizados na história da região e se entrelaçam a algo que não pode ser ignorado: a riqueza da cultura local e a luta dos

cidadãos por uma melhor qualidade de vida. As organizações sociais que atuam na cidade, por exemplo, são sempre entendidas como uma forma eficaz de reversão a condição de vulnerabilidade social. De acordo com Rossini e Barros (2012), uma estratégia para superar o estado de vulnerabilidade social é a prática de ações preventivas, e essa superação se dá por meio de implementação de ações sociais destinadas a crianças e adolescentes e suas famílias.

Ainda nesse sentido, a própria população tem uma participação relativamente significativa nessas organizações. Na Associação Comunitária do Município de Medina, por exemplo, são atendidas cerca de 840 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Fato esse que reforça a viabilidade de se replicar e expandir essas atividades em espaços mais adequados, e associar essas práticas a atividades ao ar livre e com interações com o meio ambiente natural demonstra ser uma ação efetivamente positiva para o bem-estar social.

É inegável que essa instabilidade social afeta diretamente a relação que a comunidade tem com o uso do espaço público, a exemplo disso, tem-se as dinâmicas sociais e urbanas perdidas no decorrer dos anos. Nesse caso, o conceito de intervenções urbanísticas como o placemaking é entendido como uma ação bem-vinda para se trabalhar a saúde mental dos cidadãos com relação ao ambiente urbano. Os lugares mencionados aqui são espaços públicos que estimulam interações entre as pessoas em si e entre as pessoas e a cidade, promovendo comunidades mais saudáveis e felizes. Este tipo de processo diz respeito ao raciocínio por trás do processo de produção e concepção do espaço público de uma perspectiva mais humana, voltada para intervenções que partam do micro em uma comunidade local para que, assim, se reflita no macro, causando um efeito de polos articuladores de mudanças sociais (TAVARES, 2015).

Esse conceito alia-se a reconstituição ambiental através da reinterpretação do que um ecossistema modificado já foi um dia, norteado pelo estudo da flora local e de inúmeras etapas de plantio de espécies nativas e suas associações. Projetos paisagísticos que partem do processo de ecogênese consistem num arranjo multidisciplinar no estudo de ecossistemas específicos e sua estruturação, sem desconsiderar os fatores urbanísticos e culturais do homem que utiliza aquele espaço de forma direta ou indireta, pois esses espaços passam a ser não só uma paisagem natural, mas sim uma paisagem cultural (CHACEL, 2001). A ocorrência de alagamentos em regiões urbanizadas se torna um fato ainda mais problemático pelo estado verificado de precariedade da infraestrutura urbana, como vias, calçadas e mecanismos de

drenagem, ou a não existência dos mesmos. O que evidencia a necessidade de alguma intervenção urbanística e ambiental.

CONCLUSÕES

É possível propor soluções para os problemas encontrados na cidade através das pesquisas feitas a respeito de parques urbanos e suas contribuições, de métodos de recomposição ambiental como a ecogênese, do conceito de intervenções urbanísticas através do *placemaking*, e o estudo de ações sociais que propõem reverter, ou ao menos, amenizar as condições do estado de vulnerabilidade social na região, principalmente com crianças e adolescentes. Essas análises resultam na proposta de um parque urbano que preserve e recupere uma área que está sujeita ao avanço desordenado da urbanização, e ainda, intervenha com mecanismos de ativação de dinâmicas sociais dessa urbe principalmente com ações preventivas e amenizadoras de situações de risco para o meio ambiente natural e, principalmente, para a população, em enfoque em ações sociais preventivas na infância e adolescência.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICA. **NBR9284** - 1986. Equipamento urbano: classificação. Rio de Janeiro, 1986.

BRASIL. Política Nacional de Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999., Brasília, DF

CHACEL, Fernando M. **Paisagismo e Ecogênese**. Rio de Janeiro. Fraiha, 2001.

CZERESNIA, Dina. FREITAS, Carlos Machado. **Promoção da Saúde**. Conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2009. p.43-58.

GORSKI, M. C. B. **Rios e cidades**: Ruptura e reconciliação. São Paulo, 2010

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

KLIASS, Rosa Grená. **Os parques urbanos de São Paulo**. Pini, 1993.

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques Urbanos no Brasil**. 2 ed. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. (Coleção Quapá)

ROSSINI, L. E. A.; BARROS, M. N. F. **Ações preventivas no contexto da vulnerabilidade social.** Serviço Social Revista, Londrina, v. 15, n. 1, p. 108-136, jul, 2012.

TAVARES, Silvia. **Placemaking, urbanismo e o futuro dos espaços públicos.** 2015. Disponível em: <<http://www.placemaking.org.br/home/placemaking-urbanismo-e-o-futuro-dos-espacos-publicos/#comments>>. Acesso em: 15 mar. 2018.